



EDUCAR COM A MÍDIA EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS EM TEMPO DE PANDEMIA COVID 19

Andrezza Tavares, Bento Silva

Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Universidade do Minho

1. Introdução

O presente capítulo socializa uma experiência de educomunicação, atividade compreendida como o campo epistêmico voltado para a promoção da atitude cidadã por meio do fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos. A escolha teórica realça a produção de conhecimento nos referenciais do campo da educomunicação propostos por Sartori (2010), Soares (2015), Martini (2019) e Rosa (2020), recorrendo, também, às ideias de Paulo Freire sobre a relação da mídia com a educação (FREIRE & GUIMARÃES, 2013). A questão a ser esclarecida é a potência das práticas pedagógicas educomunicativas, a partir de vivência do educar com mídia, através das práxis de jornalismo on-line, visionando a compreensão do funcionamento da educação escolar no contexto do tempo pandêmico da Covid 19.

É inegável que a pandemia motivada pelo novo coronavírus promoveu o alargamento da imersão humana nos espaços virtuais proporcionados pelas tecnologias digitais e pela internet. Nesse aspecto, ressaltamos a importância de identificar as experiências de educação escolar que foram condicionadas pelo isolamento social.

O objetivo deste texto é apontar as ideias-força do conteúdo de sessenta e nove entrevistas publicadas no Jornal Potiguar Notícias (Natal, Rio Grande do Norte, Brasil). Estas entrevistas foram realizadas, em sua maioria, com professores e pesquisadores do campo da educação, de diferentes países e continentes. O propósito é refletir sobre as experiências educativas nestes tempos de pandemia, tomando como ponto de partida as práticas e os projetos em que estavam envolvidos a fim de ilustrar ideias que pudessem colaborar com a pesquisa, para o campo híbrido da educação com a comunicação social. O recorte temporal das entrevistas compreendeu os meses de março a setembro do ano 2020, quando o Projeto de Extensão Diálogos sobre Capital Cultural e Práxis do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) – Edição Internacional promoveu articulação pluri-institucional entre o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (Campus Natal, Brasil), o Instituto de Educação da Universidade do Minho (IE/UMinho, Braga, Portugal) e o Jornal Potiguar Notícias (Natal, Brasil).¹

1 As entrevistas encontram-se agregadas e disponíveis no portal do Programa de Extensão, no endereço: <https://portal.ifrn.edu.br/ensino/ppgep/paginas/projetos-de-extensao>.

A ideia do projeto é alargar a comunicação sobre o campo da educação por meio de notícias nos veículos de comunicação que privilegiem os conceitos e acontecimentos impulsionadores de desenvolvimento humano, beneficiando a comunidade escolar e a sociedade ampliada na medida em que acessam processos comunicativos colaboradores da consciência crítica e cidadã.

A publicação dos resultados percebidos com as entrevistas abarcou uma das ações perseguidas por este projeto visto que foram divulgados dados a partir de produção de notícias no jornalismo sobre os impactos que o tempo pandêmico tem reverberado nos contextos da educação escolar.

2. Caminhos metodológicos

No convite à participação, havia uma pergunta-chave: como estão decorrendo no seu país as experiências educativas neste tempo de Covid 19? Pedia-se apenas que o texto tivesse entre 300 a 400 palavras, não devendo passar os sete parágrafos e, como o objetivo era para ser publicado no jornalismo, a linguagem devia ser bem acessível aos leitores.

De março a setembro de 2020 foram publicados sessenta e nove textos, primeiro no formato de opinião e depois no formato de entrevista², por entender ser um dos formatos nobres no jornalismo e por permitir, também, de forma mais transparente possível, sinalizar a intervenção dos mediadores neste projeto.

As entrevistas são provenientes de Dezesesseis países (de quatro continentes). A grande maioria é da América, em número de 46 (67%), sendo 37 do Brasil, 3 do Chile, 2 da Argentina, 1 do Equador, 1 do Peru, 1 do Canadá e 1 dos Estados Unidos da América (EUA). Segue-se a Europa com 12 (17%) participantes, sendo 6 de Portugal, 3 da Itália, 2 da Espanha e 1 da Rússia. Da África, há 10 (15%) participantes, sendo 4 de Cabo Verde, 3 de Moçambique, 2 de Angola e 1 do Egito. Da Ásia, há 1 (1%) participante, de Timor Leste. Neste conjunto, merecem destaque as 23 entrevistas (que representam 33% do total) proporcionadas por jovens pesquisadores que frequentam os cursos de pós-graduação em Ciências da Educação do Instituto de Educação da Universidade do Minho (Braga, Portugal). São provenientes de sete países diferentes (de quatro continentes), a quem foi solicitado que, a partir dos seus projetos de pesquisa, ilustrassem ideias que pudessem colaborar com as pessoas neste momento de isolamento social (TAVARES & SILVA, 2020).

² A fim de simplificar a escrita vamos referir todos os textos como entrevistas, pois foi neste formato que a maioria foi publicado.

Esta diversidade geográfica revelou-se enriquecedora para esta investigação, já que nos deu uma dimensão do impacto da pandemia na educação em nível internacional. Acresce, ainda, que todos os participantes exercem atividade profissional no setor educativo. A maioria é professor, em vários níveis de ensino, pelo que são conhecedores, em primeira mão, das vivências que atravessam o sistema educacional. Podem, assim, apresentar reflexões mais ricas, pois aliam a experiência profissional à pesquisa em educação advinda dos projetos em que estão envolvidos.

Este projeto pontua dois conceitos: ubiquidade e glocalização. Por ubiquidade, sinalizamos uma das características do ciberespaço informacional, uma “nuvem invisível que incessantemente nos envolve” (SANTAELLA, 2013, p. 128) e que, através da expansão da internet e dispositivos móveis, possibilita estarmos em mais de um lugar ao mesmo tempo. Desse modo, cada leitor destes textos torna-se um leitor ubíquo (idem, p. 277), pois colhe as experiências educativas vivenciadas em dezesseis países. Ele pode, a partir do seu lugar, de qualquer lugar, penetrar no ciberespaço informacional e aceder, em qualquer momento, às entrevistas, transitar entre elas e conectar-se com os autores e mediadores do projeto, coordenando ações educativas em tempos síncronos e assíncronos. Por glocalização, sublinhamos com este neologismo as interações que se podem estabelecer entre o local e o global (SILVA, 2000), porque desde Natal delimitou-se um projeto mais amplo, internacional e as repercussões das experiências vividas em cada país (local) irradiaram para o mundo (global), influenciando-se mutuamente.

A análise das entrevistas baseou-se nas técnicas da análise temática (BRAUN & CLARKE, 2013), com apoio do *software Nvivo12*. Trata-se de uma técnica flexível que fornece uma análise rica e detalhada de dados. Na sua aplicação, adotaram-se os seguintes conceitos centrais: tema, subtema, código, organizador central e mapa temático. Para se compreender o quadro da questão de partida, foi importante seguir estes conceitos, passando por detectar os subtemas (elementos específicos de um tema), os códigos (unidades menores da análise, que identificam uma característica específica de um segmento de dados) e, sobretudo, o organizador central, a ideia principal em torno da qual se agrupam os dados e se estabelecem as relações entre os temas. Para se alcançar este desiderato, seguiram-se as fases que orientam o trabalho de análise temática, tais como: familiarização com os dados; codificação; busca de temas; revisão dos temas; definição dos temas e produção do relatório.

3. Apresentação e interpretação de resultados

As nuvens de palavras espelham as frequências de palavras e permitem identificar as ideias gerais dos temas apresentados nas entrevistas. Verificamos que há oito palavras que ocorrem com mais frequência (superior a 140 ocorrências): *educação* (freq. 320); *aluno* (freq. 320); *ensino* (freq. 252); *professor* (freq. 245); *pandemia* (freq. 212); *digital/on-line* (freq. 156); *social* (freq. 150); *escola* (freq. 145). A representação gráfica da nuvem traduz a interação estabelecida em torno das palavras, cada uma remetendo para um tema, o qual, por sua vez, associa-se a outros subtemas.

Figura 1. Representação gráfica da nuvem de palavras



Fonte: Autores, com base no software tagult³

A função *pesquisa de texto do NVivo*, em torno dessas oito palavras, criou uma teia de conceitos que elucidam sobre os temas abordados nos textos, cujas métricas auxiliam a compreender a estrutura dos subtemas associados às temáticas. Não sendo possível apresentar essas teias gráficas de cada tema, devido à grande quantidade de subtemas para que remetem, vamos procurar traduzir por palavras essas teias.

Assim, a apresentação e interpretação dos resultados da análise temática será feita de acordo com a relevância de cada tema, definida pela frequência com que a palavra ocorre no conjunto das entrevistas.

O tema **educação** acompanha todas as entrevistas, funcionando como o organizador central do conjunto dos dados. O argumento remete aos contextos da política educativa de cada país e para as modalidades educativas, sobretudo na associação a “distância” (palavra que ocorre 83 vezes). Assim, são abordados os planos de resposta formulados face à pandemia, em cada país, no sentido geral, mas mais em particular na educação escolar. Verifica-se que em todos os países os planos de resposta passaram pelo recurso à Educação a Distância (EaD) e abordam as condições e os mecanismos de implementação da EaD emergencial (Educação Remota), para os diversos níveis de ensinos. Ainda em nível da política educativa há várias entrevistas que fazem referência

3 Disponível em: <https://wordart.com/nwl5dq0aletg/nuvem-de-palavras>

ao papel dos Conselhos Municipais de Educação, órgão consultivo que atua em nível de município numa ação de proximidade ao território educativo da comunidade. A Educação para a Saúde (a palavra saúde aparece 50 vezes) também é um subtema tratado em algumas entrevistas numa abordagem aos comportamentos protetores e de risco.

O tema **aluno** surge com relevo na generalidade das entrevistas, muito relacionado com as dificuldades do encerramento das escolas e transição das atividades para ensino/aprendizagem remota. A ideia geral é que a escola, ao ser transferida para casa, expôs as dificuldades dos alunos mais frágeis, a sua débil condição socioeconômica. É feita referência aos impactos da permanência em casa dos alunos, desde o fator emocional (muito motivado pela doença e pelos efeitos que a pandemia tem ocasionado na economia e no agravamento das condições de vida), mas ainda à ausência de estratégias alternativas de contato com os conteúdos programáticos, uma vez que as bibliotecas, cyber cafés e lan houses, que são um recurso de acesso à internet, também estiveram fechados. Neste contexto de distanciamento do seu ambiente de ensino e sem acesso a outros recursos pedagógicos, é natural que os alunos possam passar a elaborar crenças negativas quanto às suas oportunidades de sucesso em relação ao futuro.

Para minimizar estes efeitos, na generalidade das entrevistas que abordam o tema “alunos”, são referidas as várias formas de chegar até eles, seja através do envio de material e atividades em formato impresso, seja recorrendo a emissões de aulas por rádio e por televisão, seja através do uso de tecnologias digitais e da internet, envolvendo os mais variados dispositivos desde o correio eletrônico, redes sociais (como grupos no whatsapp ou facebook) e diversas plataformas de *e-learning*.

O tema **ensino** remete sobretudo às modalidades, como “presencial”, “não presencial”, “a distância”, “remoto” e “híbrido”. São vocábulos que expressam as modalidades educativas com as quais os atores educativos passaram a viver, às quais professores e alunos procuraram se adaptar à nova realidade.

O uso de algumas destas expressões levantou alguma polêmica, sobretudo relacionadas com “Ensino a Distância” (EaD) versus “Ensino Remoto” (ER). Há entrevistas que esclarecem a diferença entre os termos, optando por “ensino remoto”. Explicam que o EaD deve ser pensado como uma modalidade educacional nas suas especificidades próprias (como princípios, concepções, metodologias, processo avaliativo e ambiente virtual de aprendizagem devidamente planejados), ao passo que o ER foi uma experiência que teve o mérito do empenho em fazer o melhor possível com os diversos dispositivos tecnológicos que professores e alunos tinham disponíveis, mas sem os princípios para ser designado como modalidade educacional enriquecida de pedagogia própria para o processo ensino e aprendizagem. Daí a razão de ter sido apelidado de Ensino Remoto (AGUIAR, 2020).

Vários textos nos falam das condições para implementar os planos de Ensino Remoto nos respetivos países, relatando o processo da transição da aula presencial para a aula a distância. Este é vivenciado de forma diferenciada e com mais dificuldades de implementação nos países com profundas desigualdades de exclusão digital. Neste

tema, fala-se, ainda, em relação ao futuro, prevendo-se que o retorno à educação presencial seja feito com o apoio acrescido das tecnologias digitais e assim o ensino híbrido pode surgir como o legado da pandemia para a educação (SANTOS, 2020).

O tema **professor** está evidenciado em diversas entrevistas e os traços principais relacionam-se com os desafios que tiveram de enfrentar e que competências teriam para atuar num ambiente completamente diferente. Tiveram que migrar da sala presencial para a virtual, e se adequar às metodologias pedagógicas com apoio das tecnologias digitais, situação que, para muitos, foi algo com que nunca se tinham confrontado.

Na nova conjuntura, várias entrevistas destacam a atualização urgente efetuada pelos professores, num processo de interação entre “universidades e escolas” e com grupos de apoio aos professores criados nas redes sociais, que não só asseguraram a implementação da transição como impediram a desmotivação, existindo um grande fluxo comunicativo entre docentes com a partilha e divulgação de experiências, de materiais e de aplicações tecnológicas (RIBEIRINHA, 2020).

O tema **pandemia**, como é natural, é bastante referido, já que remete para o fato que deu origem a toda esta situação, vivida em todos os países do mundo. De forma geral, os interlocutores das entrevistas falam na ocorrência deste fenômeno, motivado pelo novo coronavírus, deflagrado em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan na China, mas que muito rapidamente se propagou por todo o planeta.

Com a COVID-19, a humanidade passou a viver uma das estações mais doídas de sua contemporaneidade, enfrentando muitos desafios, em vários setores, como o recurso a teletrabalho e a realização de eventos on-line, entre outras atividades. É nesse contexto que nas entrevistas se ressalta a importância das experiências de Educação Remota (On-line), que se desdobraram em todos os países do mundo.

Entende-se, assim, que a temática do **digital/on-line** seja também muito abordada nas entrevistas, relacionada com as tecnologias digitais pelas quais passou o processo da transição da atividade de ensino-aprendizagem presencial para o ambiente on-line, onde a concepção de recursos multimodais (escritos, áudio e imagem) passou a representar uma prioridade.

A transição digital era um processo que já estava em curso, pois vivemos desde finais do século XX na Era da Informação, com aplicação das tecnologias digitais e da internet em todas as nossas atividades. Porém, face ao isolamento social provocado pela pandemia, a migração para o ciberespaço foi acelerada, mesmo em comunidades mais remotas, como os povos indígenas do Brasil (MOURA, 2020).

Associado ao digital aparece o subtema da literacia digital, na preparação (ou falta dela) dos professores e dos alunos em saber usar as tecnologias para as práticas de ensino e de aprendizagem em ambiente on-line, bem como o tema da inclusão/exclusão digital, manifestado nas desigualdades que esta transição para uma “escola digital” veio pôr a descoberto.

O tema **social** é abordado no sentido das desigualdades sentidas pelos alunos oriundos de famílias economicamente mais débeis, que foram expostos nas suas dificuldades, como sinalizado em várias entrevistas: “O aluno mais carenciado que vai para a escola, pouco ou até muito motivado, deixa de ter acesso à aula como outrora. Ele não tem computador ou internet rápida e de acesso ilimitado. Ele deixou de ter as mesmas oportunidades dadas aos colegas. Ele voltou a sentir a desigualdade social... E a escola, o que pode fazer?” (RODRIGUES, 2020)

Algumas entrevistas trazem as exclusões digitais no acesso à internet, referindo dados estatísticos, como o exemplo do Brasil que em 2017 tinha 30% da população excluída digitalmente, sendo cerca de 62 milhões de brasileiros (BRAGA, 2020) e em Moçambique, também dados do censo de 2017, havia apenas 6,6% da população que era usuária da rede de internet (TUMBO, 2020). Dados como estes explicam como a transferência das aulas presenciais para o espaço on-line deixou muitas crianças e jovens de fora, sobretudo os que vivem em zonas rurais, pois não são inclusivas, agravando as desigualdades sociais. Nesta temática, os interlocutores fazem valer a necessidade de reforçar as condições de acesso às tecnologias e à rede de internet, para que a transição ao digital seja feita num quadro de igualdades de oportunidades.

O tema **escola** aparece articulado com o seu “encerramento”, tendo sido “transferido para casa”. Estes aspectos já foram elencados em outras situações, no decurso desta análise, interessando buscar algumas abordagens mais singulares, como o relacionado com a avaliação das escolas. Nesse sentido, uma professora refere na sua entrevista que o novo ciclo de avaliação externa das escolas (em Portugal) enaltece práticas de inclusão, com o desiderato de nenhum aluno ser deixado para trás (RODRIGUES, 2020), considerando que é “aquí que as escolas poderão se destacar: no modo como conseguiram, ou não, incluir todos os seus alunos, como envolveram a comunidade para reduzir as desigualdades econômicas e sociais, o seu contributo na erradicação da pobreza aliado a uma educação de qualidade”. Dessa avaliação, em que todos os atores educativos serão chamados a se pronunciarem sobre a forma como ultrapassaram esta ameaça pandêmica, a professora tem a esperança de que todos “sairemos mesmo mais fortes, mais alertas, mais sensíveis e mais humanos desse ano de 2020”. Outra professora releva que a autoavaliação da escola tem um papel preponderante para a melhoria do serviço educativo prestado e que a organização escolar não pode desperdiçar este momento para envolver os principais interlocutores do processo educativo “na redefinição de estratégias, na reorganização de processos e na reformulação de práticas, que incorporem um vasto conjunto de ferramentas e recursos tecnológicos no contexto da sala de aula ou fora da mesma” (LAMELA, 2020).

Ainda neste tema, mas focando no processo de digitalização em curso, outra educadora entende que a digitalização, mais do que permitir a sobrevivência da escola, “está a operar nela uma mudança há muito esperada, com o desenvolvimento do verdadeiro sentido de comunidade assente nas tão desejadas práticas colaborativas” (RIBEIRINHA, 2020).

4. Considerações finais

As constatações da pesquisa de educomunicação com imersão internacional, embasadas em entrevistas, em sua maioria, professores e pesquisadores em educação, revelam problemáticas pertinentes para auxiliar na compreensão de como se desenvolveu a educação escolar na travessia da pandemia Covid 19 no ano de 2020.

As falas dos interlocutores indicam o alargamento da imersão humana nos espaços virtuais proporcionados pelas tecnologias digitais, destacando a necessidade do enfrentamento da desigualdade social, para que se garanta o direito humano da inclusão digital, conforme advoga a Organização das Nações Unidas desde o ano de 2016.

Desta pesquisa, enquanto experiência de educomunicação ubíqua e glocalizada, sobressaem muitas inquietações geradas no seio das comunidades educativas, desde questões de políticas educativas, do ensino e da aprendizagem, do papel dos professores e dos alunos, do potencial das tecnologias digitais, das desigualdades sociais e exclusão digital, da ameaça à escola, mas também da oportunidade que este momento pode representar para a sua renovação. As narrativas são plurais, assim como os contextos geográficos em que se encontravam os entrevistados. Por sua vez, as reflexividades em torno dos temas levantados apontam caminhos possíveis para melhorar a atividade educativa, seja em tempos ainda de pandemia, seja nos tempos pós-pandemia.

A pesquisa ressalta que a crise mundial de saúde poderia ter sido muito mais devastadora se as tecnologias digitais não fossem uma realidade disponível no século XXI. Aqui, cabe lembrar a afirmação de uma professora entrevistada: “se a pandemia nos isolou nas nossas próprias ilhas, as tecnologias digitais estão a combater a insularidade garantindo o vital suporte social, através de uma das suas principais funções: a comunicação em rede” (RIBEIRINHA, 2020).

Nesse contexto, o campo da Educação com Mídia sai fortalecido, enquanto fenômeno de cibercultura avançada móvel e ubíqua, passando a ser compreendido como canal mediador da renovação e inovação da escola, enquanto instituição secular essencial para o desenvolvimento humano e social.

Referências

- AGUIAR, G. Modalidade de Educação a Distância (EaD) versus Ensino Remoto (ER). *Jornal Potiguar Notícias*, 07/07/2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/46078/modalidade-de-educacao-a-distancia-ead-versus-ensino-remoto-er>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BRAGA, W. De Manaus/Brasil, a pandemia reforçou a necessidade de se promover inclusão digital. *Jornal Potiguar Notícias*, 01/08/2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/46335/de-manausbrasil-reflexoes-so-bre-o-valor-da-inclusao-digital-com-a-pandemia>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. Washington: SAGE Publications, 2013.
- FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. *Educar com a mídia: novos diálogos sobre a educação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- LAMELA, C. Autoavaliação em tempos de pandemia: dar voz aos que reinventaram os modos de ensinar e de aprender. *Jornal Potiguar Notícias*, 05/07/2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/46057/de-portugal-en-trevista-com-conceicao-lamela-sobre-autoavaliacao-na-pos-pandemia>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- MARTINI, R. G. *Educomunicador como agente de integração das tecnologias de informática e comunicação na escola*. Tese de Doutorado em Ciências da Educação, especialidade em Tecnologia Educativa, da Universidade do Minho. Braga: Universidade do Minho, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/64378>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- MOURA, S. Povos indígenas, tecnologias digitais e educação. *Jornal Potiguar Notícias*, 21/06/2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/45904/povos-indigenas-tecnologias-digitais-e-educacao>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- RIBEIRINHA, T. Nenhum ser humano é uma ilha. *Jornal Potiguar Notícias*, 14/06/2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/45819/en-trevista-com-teresa-ribeirinha-nenhum-ser-humano-e-uma-ilha>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- RODRIGUES, E. Docência e Aprendizagem em 2020. *Jornal Potiguar Notícias*, 14/06/2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/45771/entrevista-com-a-pesquisadora-portuguesa-eduarda-rodri-gues-sobre-educacao>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- ROSA, R. Epistemologias do Sul: desafios teórico-metodológicos da educomunicação. *Comunicação & Educação*, 25 (2), 2020, p. 20-30. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i2p20-30>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- SANTAELLA, I. *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus, 2013.
- SANTOS, L. Ensino híbrido: será o novo normal da educação? *Jornal Potiguar Notícias*, 16/07/2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/46172/ensino-hibrido-sera-o-novo-normal-da-educacao>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SARTORI, A. S. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. *Comunicação Mídia e Consumo*, 7 (19), 2010, p. 33-48. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18568/cm.c.v7i19.193>. Acesso em: 10 de março de 2021.

SILVA, B. A Glocalização da Educação: da escrita às comunidades de aprendizagem. In: *Atas do 5º Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação: O particular e o global no virar do milênio, cruzar saberes em educação*. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2000, p. 779-788. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/16311>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SOARES, I. de O. A Educomunicação em diálogo com as tecnologias, na educação básica. *Comunicacao & Educação*, 19 (1), 2015, p. 7-14. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v20i2p7-14>. Acesso em: 10 mar. 2021.

TAVARES, A.; SILVA, B. Reflexão de jovens pesquisadores sobre a experiência educativa diante do contexto pandêmico da Covid 19. *Holos*, ano 36, v. 5, 2020, p. 1-26. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11427>. Acesso em: 10 mar. 2021.

TUMBO, D. Os desafios da educação a distância e e-learning no suporte da educação domiciliar em Moçambique em tempos de pandemia: um sonho possível. *Jornal Potiguar Notícias*, 23/07/2020. Disponível em: <https://www.potiguarnoticias.com.br/noticias/46242/desafios-da-educacao-a-distancia-e-e-learning-em-mocambique-um-sonho-possivel>. Acesso em: 10 mar. 2021.



Andreza Tavares é professora da Pós-Graduação Stricto Sensu do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (Brasil) e coordenadora do projeto de extensão Diálogos sobre Capital Cultural e Práxis do IFRN – Edição internacional.



Bento Silva é professor catedrático, investigador do Centro de Investigação em Educação do Instituto da Educação da Universidade do Minho (Portugal).